



Comunidade Jongo Dito Ribeiro



FASCÍCULO II: O TERRITÓRIO NA PERSPECTIVA DA GESTÃO

Cartografias Sociais da Comunidade Afrodescendente de Campinas – SP, Vol 02, N.02, outubro de 2017



"Eu seguro sua mão na minha, para que juntos possamos fazer tudo aquilo que eu não posso fazer sozinho..."

Fonte: Ponto da Comunidade Jongo Dito Ribeiro







Participantes das Oficinas

Bianca Lúcia Ribeiro Dandewara Felipe Dhamas Flávia Machado Flávia Tamires Juliana Ribeiro Lucas Silva Maíra Silva Maria Alice Ribeiro Oluandeji

Vanessa Dias

Alessandra Ribeiro

Coordenação Geral do Projeto

Profa. Dra. Vera Lúcia dos Santos Placido Docente da Faculdade de Geografia e extensionista da PUC-Campinas

Equipe de Pesquisa

Letícia Caroline de Oliveira Maurício Corégio da Silva Discentes da Faculdade de Geografia e bolsistas de extensão

Cartografia

Maurício Corégio da Silva

Projeto Gráfico e Editoração

Letícia Caroline de Oliveira

Fotografias

Profª. Dra. Vera Lúcia dos Santos Placido Acervo da Comunidade Jongo Dito Ribeiro Letícia Caroline de Oliveira Maurício Corégio da Silva

Editora:

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas. Rodovia Dom Pedro I, Km 136. Parque das Universidades, CEP: 13086-900

ISSN 2527-2381





O presente Fascículo é uma continuidade do Fascículo I, lançado em junho de 2017, a respeito da Cartografia Social das Comunidades Afrodescendentes em Campinas — SP discutindo especificamente a Comunidade Jongo Dito Ribeiro. Sabedora de seus direitos e consciente do seu papel na sociedade campineira e brasileira, esta comunidade se lançou ao chão, produzindo mapas que retratam o território vivido. Ao fazer esse exercício descobriu que o território é dinâmico e a velocidade da sua (re)produção não depende apenas das forças sociais presentes no lugar. Há uma verticalidade que chega e arrasa meios e modos de vida e atende, na maioria das vezes, interesses externos.

Num primeiro momento podemos acreditar que as verticalidades não interferem na vida cotidiana, já que, na sua maioria, relaciona-se à própria dinâmica da globalização econômica. Pelo contrário, embora sendo forças exógenas ao lugar, também o modelam e mudam drasticamente o seu ritmo. É o que acontece, por exemplo, com a especulação imobiliária: em poucos anos surgem shoppings centers, ampliam-se avenidas, surgem novas rotas para o transporte urbano e novos condomínios. Como num passe de mágica, não somos capazes de reconhecer os lugares que antes seríamos capazes de identificar uma árvore centenária na esquina. Nesse dinamismo territorial bairros inteiros são modificados e um novo ir e vir se estabelece; novas lógicas passam a comandar o território em um tempo rápido, inserido em novas relações espaciais e com novos atores sociais.

Ao se pensar nos desafios das comunidades urbanas essas questões passam a ser importantes não apenas para a garantia de seus direitos, mas, acima de tudo, para possibilitar gestões participativas conscientes da dinâmica territorial no qual estão inseridas. No caso da Comunidade Jongo Dito Ribeiro, ao mapear suas demandas urbanas, percebeu rapidamente a rede que ocupa no território e, tão rapidamente, o processo avassalador da especulação imobiliária no entorno da Casa da Cultura Fazenda Roseira, local que ocupa desde 2002, com direito de uso concedido pelo poder público a partir de 2015.

Esta percepção os colocou na urgência de (re)pensar e (re)posicionar a sua gestão. Assim, o Fascículo II, intitulado: "O território na perspectiva da gestão" consubstancia esse processo que parte do momento que percebeu a rede territorial em que está inserida (Fascículo I) e, mediante a consciência territorial resultado desse processo retorna à propriedade, não mais olhando "para fora", na amplitude de sua rede, mas, se apropriando dos seus limites, se reconhecendo no espaço Casa da Cultura Fazenda Roseira, para, a partir daí, consciente de seu papel territorial, poder traçar novas estratégias na perspectiva da autonomia.

Desta maneira, o Fascículo II está dividido em quatro partes: a primeira, chamamos de **Apresentação** e nos lembra o percurso da caminhada, ou seja, chama a atenção para a continuidade entre os dois fascículos, no sentido de entendermos o processo na qual a comunidade foi se despertando para questões tão essenciais à sua gestão e a sua autonomia; a segunda parte trata do tema central deste Fascículo: **da rede à consciência territorial**. Nesta parte se registrou as falas, a forma como relatam o que percebem e como se posicionam frente ao tema que está intimamente relacionado à gestão. Em seguida, a terceira parte, explora a propriedade, mapeando diferentes pontos e os relacionando com os projetos e ações que desenvolvem, na perspectiva da gestão compartilhada. Por último, tem-se as **Palavras Finais**, como um texto-testemunho da Alessandra Ribeiro, gestora da Casa da Cultura Fazenda Roseira e que reconhece

que não se faz gestão de uma comunidade, seja na microescala, quando se mapeia a comunidade, ou na macro, quando se entende a rede em que estão inseridos, sem o conhecimento do território, da sua dinâmica e, ao mesmo tempo, da sua unicidade.

Cada território é único em suas nuances – do espaço vivido ao espaço planejado pelos órgãos públicos, há diversas camadas sociais, cada qual com o seu uso. Pensar em uma gestão compartilhada exige, de antemão, a sensibilidade para entender a multiescalaridade territorial. No caso da Comunidade Jongo Dito Ribeiro isso significa que a microescala representada pela propriedade e a macro percebida na rede, são complementares e, para uma gestão ser autônoma, todos devem conhecer intimamente os projetos desenvolvidos internamente, sem perder a dimensão da rede e a sua dinâmica.

Com esse Fascículo se dá, certamente, mais um passo, na compreensão da cultura afrodescendente em Campinas e, da mesma forma, se espera que esse registro nos ajude a perceber seus anseios, suas lutas, seus direitos e a riqueza da manifestação territorial de um povo que não é o outro, mas que, na sua diversidade, é parte do povo brasileiro.....



"Se o Jongueiro é um bem acadêmico, por que ele só aparece como folclore?" Juliana.



"O acesso à cidade é diferente. Há classes sobrepostas; um acessa à cidade de um jeito, outro acessa de outro."

Alessandra Ribeiro

"Precisamos entender o que temos, para entender quem somos." Alessandra Ribeiro

"Queremos acessar nossas materialidades!" Flávia Machado

"A comunidade faz um esforço tremendo para se colocar dentro da academia e ela se coloca dentro da academia só que de forma periférica, através de um prouni, ou tenta começar o curso mas não dá para terminar, porque não tem como pagar, ou então faz todo o curso, doutorado, consegue as bolsas e ainda assim está de fora. Tipo, eu já sou doutor, phd, quando que eu vou de fato me apropriar disso e não ser mais somente um folclore?" Alessandra Ribeiro



"O que eu to pensando olhando agora esse mapa é que em como em cada bairro, a gente é visto, a gente é lembrado, a gente é simbolizado... será que todos os bairros sabem que tem uma jongueira, um jongueiro aqui, o que ele faz, o que ela faz, tipo, "pô, tem uma jongueira aqui mano e ninguém sabe o que é jongo, ninguém nunca ouviu falar" Flávia Machado

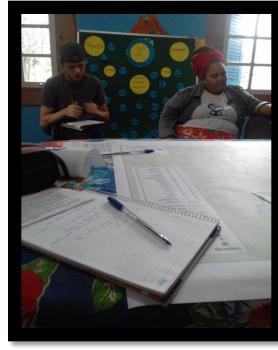
"É qualificação e expansão. A expansão por si só ela não significa tanto, porque ela não consolida a apropriação do lugar." Flávia Machado

"A gente tem que nesses fascículos agora daqui em diante, trabalhar nessa perspectiva do ponto a ponto e ver que ações a gente pode promover pra que isso seja realmente integrado, porque se não "ah, estamos em todos os lugares", só que não estamos em lugar nenhum. Se a gente for analisar mesmo, estamos em todos os lugares, mas ele não é palpável, ele não é visível." Flávia Machado

"As pessoas que fazem a estrutura não estão em contato direto com a gente." Lucas

"A gente não é o protagonista nisso, somos os telespectadores." Flávia Machado

"A gente tenta se apropriar do processo mas não consegue alterar a estrutura que já tá dada." Flávia Machado



Quando começamos o projeto de Cartografia Social há aproximadamente 1 ano e meio atrás, a gente já tinha para nós a ideia de quem éramos, de onde vinhamos, porque estávamos, mas o que foi fundamental para Cartografia afirmar e nos ensinar é que era fundamental nos ouvirmos mais vezes. Então o exercício que a Cartografia nos impõe de nos encontrarmos sistematicamente para nos ouvirmos, percebemos como que cada um olhava para um mesmo objeto. E isso foi fundamental; a Cartografia pegou o nosso processo de transformação, a gente estava acabando de conseguir a permissão de uso, então a gente tem para trás sete anos de defesa e a Cartografia chega quando a gente começa a caminhar pensando o que fazer com o que temos. Então, no primeiro fascículo foi muito importante para nossa

comunidade, porque ouvir cada membro da comunidade dizer como define nosso território, o que é ser jongueiro, devolveu para gente um sentido de existir e porque a gente se reexiste e se reiventa nas nossas próprias dificuldades. Porque viver em comunidade, não é sempre viver em harmonia, não é que não tem conflito, não é que não tem problema, muito pelo contrário, a gente tem muito confito e problema, mas quando a gente se ouve, dá a certeza que não queríamos estar em nenhum outro lugar, que não fosse esse mesmo. O primeiro fascículo devolveu isso para gente, quando eu revejo as frases que cada um elaborou, eu falo "nossa gente", eu me reconheço ali, o outro se reconhece no outro e quando a gente olha um para o outro e se reconhece, a gente se afirma quanto comunidade. Foi muito intenso o primeiro fascículo.

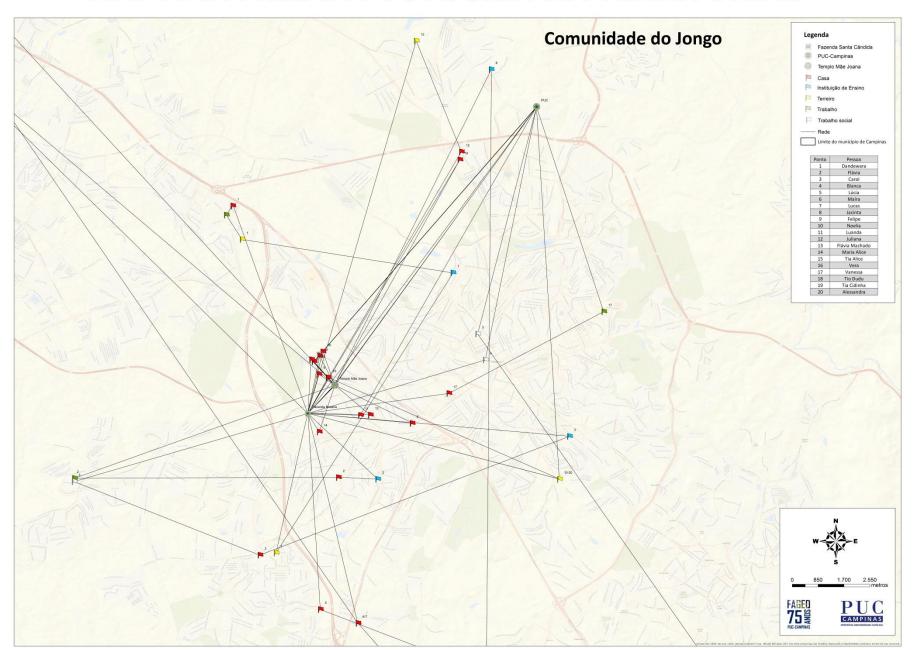
Quando a gente viu o tamanho do mapa de tudo que a gente fazia, foi quando a gente também começou a entender que a Comunidade Jongo Dito Ribeiro quanto Comunidade é uma única camisa, o que nos torna potente e que cada indivíduo da Comunidade é muita coisa. Ninguém aqui existe por causa da Comunidade, todo mundo existe e isso fortalece a Comunidade; é um outro olhar. A pessoa não chega aqui desprovida e aqui se veste, a pessoa já é vestida e aqui se fortalece.







MAPA: DA REDE À CONSCIÊNCIA TERRITORIAL



"Agora chegou a hora da gente questionar: O Jongo realmente está nesses lugares?" Alessandra



"Quando a gente chegou aqui, a gente não sabia o que estava planejado para esse espaço, e aí conforme o decorrer dos anos, a gente foi vendo que é uma coisa que a gente não concorda, mas que já estava dado. Hoje a gente olhando, fala "meu, já estava tudo planejado o que os caras iam fazer aqui, há 15, 20 anos eles já sabiam o que queriam para esse lugar. E a gente entrou no meio do processo, e não sabia que isso ia acontecer e, quando está chegando agora o que está chegando, a gente não concorda." Vanessa

"Quando o jongo vai para uma escola aqui do bairro, e aí o bairro sabe que existe o jongo. Isso é uma consolidação.

O projeto das meninas o ano passado, Educação Patrimonial, que vai na escola e tal, isso é uma consolidação porque ali mano, teve uma formação, teve um "pá", entendeu? Um exemplo, né?" Flávia Machado

"Nós éramos alienados do processo, separados do processo e a partir do momento que a gente entra, a gente apropria, tenta, se apropriar desse processo. A gente tenta se apropriar mas não tem domínio porque o processo já está dado." Flávia Machado

"Antes da expansão, a gente precisa se apropriar do que a gente já faz nesse miolo aqui." Maíra

A importância da Cartografia Social...

No segundo fascículo pôde todo mundo se olhar e se reconhecer de novo na Roseira, porque agora a Casa é nossa, até a área está delimitada. No primeiro fascículo, estávamos brigando com o muro ainda. Conquistamos no primeiro fascículo o muro e aí agora com o muro consolidado vemos o que nós queremos para o amanhã. Então, rever cada coisa, cada lugar, onde está cada árvore, bananeira, goiabeira, onde estão as coisas que para alguns são comuns e para outros são invisíveis, é fundamental.

O segundo fascículo para gente, deu um suporte para gente falar "nossa, a gente é tudo isso mesmo? A gente fez isso mesmo? A gente está exausto mas isso aqui não é mentira, foi nós que construímos isso, a gente pôde chegar até aqui", e foi a Cartografia que nos deu essa possibilidade. A gente não faria isso se não fosse vocês aqui, nunca a gente chegaria até aqui, jamais. A gente não teria pensado, se exercitado, discutido para dentro, para fora e entre nós.

Alessandra Ribeiro

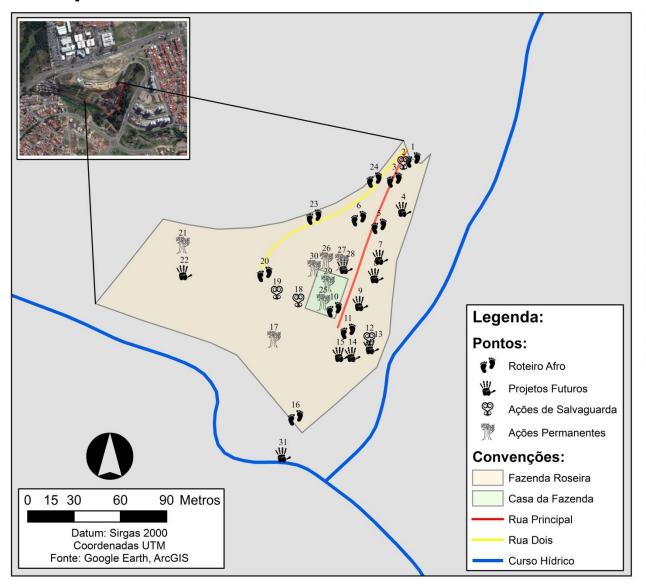






MAPA: MAPEANDO A CASA DE CULTURA FAZENDA ROSEIRA

Mapa Casa de Cultura Fazenda Roseira



Pontos	Descrição			
1	Placa			
2	Guardiões			
3	Costela de Adão / Flamboyant			
4	Projeto Oya			
5	Casa de Zumbi			
6	Remanescente de vegetação de transição Mata Atlântica e Cerrado			
7	Projeto Iroco			
8	Espaço Ibeji			
9	Projeto Kizomba / Mankala			
10	Espaço Percussão Afro			
11	Herbário de Plantas Africanas / Pé de Tamarindu			
12	Centro de Referência (CR)			
13	Espaço de Tecnologia Africana de Construção Civil			
14	Pocilga			
15	Espaço Arena			
16	Baobá			
17	Projeto Oxosse - Okearo			
18	C.E.M.A.			
19	Centro de Documentação / CEDOC			
20	Urucum			
21	Área de Eventos			
22	Espaço para Alojamento			
23	Pata de Elefante			
24	Mulungu			
25	Acolhimento / Recepção			
26	Projeto Ossain			
27	Pé de Louro			
28	Fogão à Lenha			
29	O Quadrado			
30	Espiral de Ervas			
31	Projeto Oxum			

Ponto	Descrição)
25	Acolhimento / Re	cepção
		/
Acoll	nimento São Benedito	
	Sala de Leitura	
	Sala de Reunião	
	Salão	
	Sala Multiuso	
	Sala de Costura	
	Afrohacker	
	Sala de Figurino	
	Sala Multiuso 2	
S	Sala Dança/Teatro	
Con	junto Pé na Cozinha	



Pensar o território na perspectiva da gestão é fundamentalmente entendermos que são processos permanentes de aprendizagens, desafios e adequações.

A Comunidade Jongo Dito Ribeiro, está localizada na região sudoeste de Campinas, entretanto, por estar mais próximo ao eixo noroeste, todas as características à esta região associada, estão imbricadas em nosso cotidiano.

O eixo John Boyd Dunlop, foi se tornando ao longo do tempo uma referência de resistência cultural, articulação e fomento de novas perspectivas de gestão e ocupação cultural em Campinas de matriz africana.

Processo iniciado pela ocupação da Casa de Cultura Tainã no bairro Castelo Branco – Vila Bela há mais de 27 anos, com concentração majoritariamente negra e repleta de equipamentos culturais e significativos como a Escola de Samba Rosa de Prata, PROGEN, entre outros.

O Grupo Urucungus, Puítas e Quijengues, com seus mais de 25 anos de divulgação das danças populares e do patrimônio cultural do Samba de Bumbo Campineiro, prática de Capoeira, que se consolida no espaço da sede do bairro Nobrega atualmente chamado, Ponto de Cultura e Memória IBAO e entre várias outras ações e movimentos, como nossa própria comunidade que se organiza no bairro Jardim Roseira desde 2002.

O Jongo Dito Ribeiro, com sua atuação cultural e ocupação iniciada em agosto de 2008, foi agente da transformação da propriedade particular Fazenda Roseira, em Casa de Cultura Fazenda Roseira contribuindo para o fortalecimento desse território simbólico na cidade.

Entre o processo de conhecer o espaço e sua transformação em um Equipamento Público Municipal, até a formalização da gestão compartilhada com a Associação do Jongo Dito Ribeiro e a Secretaria Municipal de Cultura em julho de 2015, foram várias etapas.

A Descoberta do Equipamento Público Municipal, homologado em 24 de agosto de 2007, quando as oficinas de jongo ainda aconteciam no quintal de Dona Maria do Jongo, no jardim Roseira e que a vista para a Fazenda Roseira, era nossa referência de localização, de paisagem e de percepção das diferenças e modos de usos desse mesmo território.

A Ocupação, que foi nascendo o desejo de cuidar do espaço e torna-lo público até a consciência que, como cidadãos, somos có-responsáveis por esse cuidado. A percepção, registros e denúncias à Prefeitura sobre a depredação em curso.

O enfrentamento direto com o ex-proprietário que, após vários desmontes, tentou retirar as portas alegando que ali se tornou um cortiço de alta rotatividade, e mesmo sem ser mais dono se sentia no direito de destruir a casa.

A consolidação da Casa de Cultura Fazenda Roseira, que é um equipamento público, de gestão da Comunidade Jongo Dito Ribeiro que têm por objetivo o fomento, a divulgação, formação e discussão étnico-racial a partir da cultura, educação, salvaguarda do patrimônio imaterial, preservação da materialidade do prédio, mesmo sem ser tombado e do meio ambiente.

Esses pilares foram sendo consolidados com apoio das políticas públicas de salvaguarda de bens registrado, como o Jongo do Sudeste, representado em Campinas pela Comunidade Jongo Dito Ribeiro, os pontos de cultura e as diversas redes à essa associada da qual passamos a integrar no Brasil, da lei 10.639/03 para ensino da história e cultura afro, da relação com os povos e comunidades tradicionais de

Cartografias Sociais da Comunidade Afrodescendente de Campinas – SP, Vol 02, N.02, outubro de 2017

terreiro e também, pela possibilidade de termos membros da nossa própria comunidade jongueira vinculados a academia em diversas áreas do conhecimento.

A ancestralidade, a política e a união da comunidade, fez e faz com que hoje, tornássemos essa referência de matriz africana em Campinas.

Nesse sentido, o Território na Perspectiva da Gestão, foi um importante passo possibilitado pela Cartografia Social, da qual no primeiro fascículo entendemos a dimensão de nosso território, e para esta edição, percebemos que, agora, formalmente gestores do espaço é necessário o replanejamento, a revisitação e reavaliação de nossos projetos, as re-definições de nossos usos e ocupação dos espaços para traçarmos o nosso amanhã.

Desejamos que, esse material contribua para a reflexão de outras comunidades jongueiras e de outros grupos, que como nós, têm o território como fundamental para a salvaguarda e continuidade de suas expressões culturais.

Viva a Cartografia Social e a parceria com o projeto de Extensão da FAGEO- PUC Campinas!

Viva as Comunidades Jongueiras e Detentoras de Bens Registrados!

Viva as Parcerias e a Nossa Diversidade Cultural!

E gratidão a nossa ancestralidade que nos faz caminhar a cada dia para onde sempre deveríamos estar.

Axé.

Alessandra Ribeiro Martins Historiadora – Dra. Em Urbanismo Mestre da Comunidade Jongo Dito Ribeiro Gestora da Casa de Cultura Fazenda Roseira



REALIZAÇÃO





